

ELA MIJOU NA CARA DE TCHEKOV

Uarlen Becker

Experimento curto para um ator ou atriz

1

Já está em cena, deitada no chão. Uma música fúnebre toca bem longe, como se viesse do camarim do teatro. Escurece. Quando a luz acende bem devagar ela começa a falar.

ELA

Que o diabo carregue a todos! Que o diabo os carregue! Eu não me lembro de nada! De nada! É bem possível que eu nem seja mesmo um homem, que eu apenas aparente ter pernas, braços e uma cabeça. Bem possível que eu não exista e somente imagine que ando, como e durmo. Se a gente pudesse não existir! Que diabo! Ontem a gente conversava no clube sobre Shakespeare, Voltaire... Nunca li esses autores, mas fiz um ar de ter lido. E todo mundo ali era como eu. Que vulgaridade e que baixeza! Senti meu coração doer, pesado de nojo e imundície! Então corri e vim me embriagar.

Levanta-se bem devagar e caminha pelo espaço vazio em direção a um banco de ferro. Usa um sapato alto em apenas um dos pés e manca por causa disso. Enquanto caminha, uma voz ecoa pelas caixas.

VOZ

Eu olhava a garrafinha de plástico que rolava de um lado para outro no chão do ônibus velho ao mesmo tempo que evitava olhar para a cara das pessoas: uma tristeza medonha, invencível, uma raiva que não continham e um desprezo por tudo que não fosse suas próprias vidas insignificantes. Eu poderia acabar com aquilo tudo imediatamente: um terremoto, um eletrochoque, uma batida violenta contra um poste ou simplesmente com um estalo dos dedos fazer seus pobres corações pararem. Como são pequenas essas criaturas. Mas eu estava preocupada com a política neoliberal que seus líderes estavam implementando. Isso é algo tão, tão sofisticado, é uma forma de acabar com a vida deles de maneira tão, tão disfarçada, é a ilusão completa de ascensão social através do

individualismo. Para um anjo como eu enviada para aniquilar parte dessa gente e levar seus espíritos para um lugar mais doce, até que eu estava sendo boazinha demais com esses pensamentos. A garrafinha parou sob meus pés. Eu tinha a indecisão: esmagar o opressor e ser feliz ou fingir a felicidade perdendo os desgraçados. Agora eu olhava uma mulher idosa: ela estava parada embaixo de uma árvore frondosa. O que ela fazia ali num dia de chuva? Olhei atentamente: ela comia salgadinhos e o barulho irritante do saco plástico incomodava os passarinhos, que foram embora. Ela olhou para mim com a boca suja e eu percebi que ela tinha um bigode grande e grisalho. Quando dei por mim, estava toda molhada de urina. Eu havia urinado nas calças e aquele evento constrangedor fez a criança sentada ao meu lado ficar de pé no corredor. As crianças são perversas. A crueldade delas é terrível. Agora eu estava sentada sobre uma poça de mijo. Entre minha carne e o banco do ônibus velho havia uma poça de mijo. Uma poça de mijo. Uma poça de mijo. Uma poça de mijo.

ELA

Mas eu sei que vivemos um pesadelo, mas esse pesadelo aqui é bem maior, como pode um pesadelo dentro de outro pesadelo, que país é esse? Minha senhora, isso aqui não é teatro, teatro acontece nos palcos, a vida é mais cruel porque não tem a estética necessária... Como? Abaixar as minhas calças? A senhora não ouviu quando eu disse que isso parece um pesadelo? Pois não parece, é um pesadelo real! Eu não tenho necessidade disso...

Uma música e um movimento que parece uma dança.

ELA

Mas eu sei que vivemos um pesadelo, isso por si só basta para que a senhora não me dê uma bofetada.

Ergue-se, põe a bolsa sobre o banco, caminha até o lado oposto, mostra o conteúdo por baixo da roupa.

ELA

Espero que finalmente esteja satisfeita. E gostaria de dizer para a senhora que a senhora está na escuridão. Como aliás todos nós estamos. Não há saída! E a

senhora não precisa me olhar assim, saiba que isso não é um interrogatório, apesar desses métodos nada convencionais. A peça? Se chama *O Papa Índio*. Não, não é papar um índio, no sentido de fodê-lo, é sobre um papa indígena, papa, líder da Santa Madre Igreja, aquele que segue o que tem a chave. Pois é, um papa índio, com cocar de penas e frutas no lugar daqueles negócios engraçados que eles botam na cabeça... A cena se passa no banheiro feminino. Mas eu sou mulher! Mas é uma cena! Não, aquilo foi numa palestra! Eu estava apertada e precisava ir ao banheiro! No corredor ouvi vozes, gritos e choro convulsivo.

3

Do som saem vozes gravadas:

Não podem me impedir

Eu sou uma cidadã

Respeite a autoridade

Eu sou mulher, uso banheiro feminino

Cadê o documento?

Documento não prova nada

A moça pode processar você por assédio

O mundo tá mudado, só Jesus mesmo!

Não me toque assim, tá me machucando

Posso te prender por desacato, rapaz!

Eu sou mulher, não me chame de rapaz!

Você entrou no banheiro feminino

Eu sou mulher!

VOZ enquanto *Ela passa batom, saca uma flor de plástico e “dança” suavemente como se o texto fosse uma música.*

"Todos andam rapados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobrancelhas e pestanas. Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas de tintura preta, que parece uma fita preta da largura de dois dedos."

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali.

Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele.

Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora.

Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais.

Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo."

ELA

Não, a palestra era sobre a tragédia grega, sobre a iminência e inevitabilidade da morte. O palestrante criou um paralelo entre os índios e os negros escravizados. A senhora sabe o significado da palavra inevitabilidade? Cio é a palavra que acho mais bonita de todas. O banheiro feminino era na cena. Mas eu tenho o direito de fazer a cena. Meu pau continua aqui. Tudo é uma convenção, a senhora não entende? A gente se assusta e depois se acostuma, assim é o público no teatro. Como atriz, eu tenho o direito à livre expressão. Como aconteceu? Como aconteceu? Como aconteceu? Começou com uma postagem na rede. Como assim qual rede? A rede! Aquele grupelho de machos de tanga e bloqueador solar afirmou categoricamente que eu havia entrado no

banheiro reservado para mulheres. Mas claro que eu entrei! Por que não entraria? Mijaria nas calças? É direito meu, eu jamais cometeria o ato obsceno de entrar no banheiro dos homens! A poça de mijó entre minha carne e o banco do ônibus era um sonho, eu acordei antes de molhar tudo. Ai, aquela palestra maçante. No meio sonho parecia que eu estava ouvindo um voto de um juiz da suprema corte! Como assim serei presa? Preso não, presa! Não cometi crime para ser presa! Presa!

Uma música e um movimento que parece uma dança.

ELA

A senhora adquiriu o gosto por me esbofetear? Aprendeu com quem, com seu marido? Com seu pai? Era assim que ele fazia com sua mãe? Era essa a maior expressão de amor? Era a cena! A arte não imita a vida? Como ela seria impedida de dizer aqui e como eu seria impedida de fazer a cena? Não existe lei que nos impeça de ser...Tá bom! Eu faço. Quem a senhora pensa que é, rei, bedel, juiz? Infeliz?

Fala com dois espelhos, um para si e outro para o público.

Eu também já ando cansada... Cada dia é um dia de batalhas, de muitas batalhas! De batalhas sangrentas. Eu sangro por dentro. Eu sangro por dentro.

Ergue-se, de algum lugar retira muitas latas de alumínio. Espalha pelo ambiente com os pés. Em três delas pergunta se há alguém aí. Pega um microfone.

ELA

Na cena estão presentes duas atrizes e um ator. Ele faz o autor do texto original, o Anton, a senhora conhece? Claro que não... Uma polícia conhecer o Anton era pedir demais! Então agora será um monólogo, eu odeio monólogos. A gente fala pra quem? Para o público? Para alguém invisível, tipo Deus, para si mesma? Eu me sinto doida. Ela reivindica para si o direito que é de todas. A felicidade de exercer a porra da cidadania.

Enquanto se despe e pega um copo, a voz cantarola.

VOZ

Ta-ra-ra-tchim-bum... Ta-ra-ra-bum-di-é...

Põe um sutiã, um cocar de índio e óculos escuros. Urina no copo, ergue-o lentamente como se fosse brindar, a fala para ele.



ELA (Irina)

Chegará o tempo em que todos saberemos o porquê isso tudo, por que todo esse sofrimento, e então não haverá nada mais oculto... Porém, até então temos de viver e lutar. Lutar sempre! Amanhã viajarei sozinha... Irei para a escola, lecionarei e devotarei a vida àqueles que talvez precisem dela. É outono; logo chegará o inverno, a neve cobrirá tudo, e eu seguirei trabalhando, lutando sempre...¹

ELA (Olga)

A música está tão divertida, tão animada, me dá uma vontade enorme de viver! Ah, Deus! O tempo passa, nós partiremos, e seremos esquecidas para sempre. Esquecerão nosso rosto, nossa voz e também quantos éramos, porém a nossa dor se transformará em alegria para aqueles que virão depois de nós, a felicidade e a paz reinarão sobre o mundo, e as pessoas se lembrarão com gratidão daqueles que lutaram agora, e os abençoarão. Oh, queridas irmãzinhas, a nossa vida ainda não terminou. Viveremos! A música soa tão alegre, tão cheia de felicidade! E parece-me que logo saberemos por que vivemos, por que sofremos... Ai, se a gente soubesse por quê... Se a gente soubesse por quê! ...

Ta-ra-ra-tchim-bum... Ta-ra-ra-bum-di-é...²

Enquanto cantarola a música, a luz vai baixando.

FIM

¹ Trecho da peça As Três Irmãs, de Anton Tchekov.

² Idem.